



Pioneiro em introduzir um método terapêutico na Justiça, as Constelações Sistêmicas Familiares, e, com isso, contribuir para a solução de conflitos, o juiz da cidade de Amargosa, na Bahia, Sami Storch vê seu trabalho, passo a passo, inspirar o restante do Brasil.

Depois de conseguir índices de acordos em conciliações que chegaram a 100% e receber o Prêmio “Conciliar é Legal”, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), pelo projeto “Constelações na Justiça”, o magistrado agora viaja o Brasil disseminando o que ele chama de “Direito Sistêmico”, baseado nas ordens superiores que regem as relações humanas, segundo a ciência das Constelações.

Criada pelo filósofo e pedagogo alemão Bert Hellinger, a técnica das Constelações auxilia a harmonizar relacionamentos e a reconhecer papéis, ampliando a visão sobre o problema e favorecendo a capacidade de os envolvidos se colocarem no lugar uns dos outros. O resultado é um olhar mais global - muito mais humanizado para quem está passando por dificuldades nas relações ou vivendo uma briga judicial.

Sami conversou com a Viver Bem em Revista, durante um Seminário de aprimoramento, em São Paulo, com o “pai das Constelações”, Hellinger, e analisou as atuais dinâmicas familiares, além de destacar como a técnica tem contribuído para finais mais felizes.

# Reconciliação: um novo olhar para a vida

**Viver Bem em Revista: O que mudou em sua vida e em sua profissão a partir do momento que passou a usar as Constelações Familiares?**

**Sami Storch:** Vi uma facilidade

bem maior para as pessoas se resolverem por si mesmas. Com o auxílio da técnica, o índice de acordo nas conciliações subiu muito e a satisfação dos servidores também aumentou. A postura dos advogados também mudou: eles

se tornaram conciliadores; deixaram de ter uma postura litigante, de opor uma parte a outra, e passaram se posicionar como ajudantes de seus clientes para que eles olhem para o todo. Tudo isso fez o trabalho fluir muito melhor.

As Constelações também ajudam a me posicionar em cada situação, a enxergar o que está oculto por trás dos relacionamentos e conflitos. A enxergar o todo. Posiciono-me de maneira mais equilibrada.

**VBR: Como você analisa a dinâmica familiar da atualidade nos casos na Justiça?**

**SS:** A dinâmica familiar está em todas as áreas. Por trás das questões criminais, estão dinâmicas familiares também, seja de maneira direta, no caso da violência doméstica, por exemplo, ou indireta, que é o que leva alguém a se envolver com a criminalidade, como agressor ou como vítima. Então, tanto a dinâmica por trás do agressor tem base em questões e emaranhamentos antigos, como a pessoa que se envolve em conflitos, na condição de vítima, também pode repetir um padrão de sua família.

**VBR: Quais são os casos mais comuns que você observa?**

**SS:** A alienação parental é muito frequente. Não são somente aqueles casos gritantes, mas os sutis também, e que acabam gerando outras questões, como alimentos, por exemplo. Muitas vezes, a imagem que se faz é que um dos pais não cumpre seu papel, que é o culpado, mas o outro tem uma importância muito grande, tanto na questão como se apresenta quanto para que se conduza a uma solução.

**VBR: Você disse que as Constelações te ensinaram a ser um “juiz que não julga”? Como seria isso na prática?**

**SS:** É não achar que sabe qual é a verdadeira solução. Muitas vezes, a verdadeira solução está oculta e as próprias partes têm condições muito melhores de encontrá-la do que um juiz. Então,

não julgar é não partir do pressuposto que sabe tudo: às vezes, os autos enganam, testemunhas podem mentir, documentos podem ser fraudados, o juiz pode se enganar, as aparências podem não ser aquilo que são realmente. O juiz, às vezes, dá uma sentença achando que está fazendo um bem e, na verdade, pode estar criando uma dependência, enfraquecendo alguém. Não julgar é considerar que a verdade é muito maior do que aquilo que podemos ver em uma sala de audiência. Isso está relacionado com a postura básica de que o juiz deve ter equidistância, ter ambas as partes em seu foco, olhar para ambos, diferentemente de um advogado, que é contratado para defender uma parte. O equívoco que se faz tradicionalmente é que o advogado só precisa olhar para seu cliente. Agora, já está se percebendo que o advogado, para ajudar seu cliente, também precisa olhar para a outra parte, ajudar seu cliente a olhar para o todo e assim ele estará favorecendo uma solução sistêmica, que é mais harmônica do que achar que está defendendo um lado só. Um lado ganha e outro perde e, na verdade, os dois podem estar perdendo.

**VBR: Você acha que Justiça está se abrindo mais para esses trabalhos que priorizam**

**o ser humano e buscam a solução subjetiva de conflitos?**

**SS:** Com certeza, está se abrindo. Vivemos um novo tempo na Justiça no Brasil com o novo Código do Processo Civil, as mediações, a Justiça Restaurativa, que está mais forte no Sul do país, mas está ganhando espaço, apoiada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e pela Associação de Magistrados Brasileiros. É um novo momento e são formas de se trabalhar com um olhar muito mais amplo do que o olhar legalista. São encontradas soluções muito mais inesperadas, surpreendentes e positivas para os relacionamentos, para a base. A satisfação é muito maior do que simplesmente uma decisão judicial impondo o que é o certo e o que é o errado. A natureza humana é muito mais complexa do que “uma pessoa é boa e a outra é má”.

**VBR: O que as Constelações podem ensinar para as pessoas?**

**SS:** Esse olhar que as Constelações trazem de enxergar um indivíduo como membro de um sistema, vinculado aos antepassados, amplia muito a visão para as possibilidades. Tenho muita satisfação em compartilhar, em poder ajudar de alguma forma.



Sami Storch com Sophie e Bert Hellinger



# Por uma cultura de paz

Técnica da Constelação Familiar está sendo usada nas audiências de conciliação da 6ª Vara da Família, em Natal



conciliadora Luciana Pessoa Benz, sob a coordenação da magistrada Virgínia Bezerra. “Percebemos, neste trabalho, que há uma tendência de as pessoas levarem suas questões para o Judiciário quando elas não conseguem resolvê-las e essas questões geralmente são apenas a ponta do iceberg de algum emaranhamento sistêmico que existe entre as partes. Então, quando se coloca a constelação, isso aparece com muito mais evidência. É possível relacionar os conflitos que estão mais subterrâneos com o motivo e a causa do litígio, analisando até que ponto estes se revelam através de uma briga judicial”, observa o psicólogo Carlos Henrique.

“O reconhecimento de papéis aparece como um dos aspectos mais frequentes entre as partes. Faz toda diferença, por exemplo, reconhecer que a relação do casal foi importante enquanto durou ou que um pai aceita seu filho e o reconhece como tal. Há motivos emocionais por trás dos casos. Essa interface entre o Direito e a Psicologia tem um efeito muito interessante, especialmente na área da Família”, analisa Taciana Chiquetti.

Essa união de saberes também é considerada positiva pela juíza de Direito, Virgínia Bezerra, que conduz a 6ª Vara da Família da Comarca de Natal. “Ter profissionais atuando conjuntamente com o conciliador e o juiz abrevia o tempo de resolução dos conflitos, vez que, na própria audiência, é realizado um diagnóstico dos motivos que estão obstaculizando

conflitos no âmbito do Judiciário.

O projeto está sendo conduzido pelo psicólogo Carlos Henrique Souza da Cruz, pela graduanda em Psicologia Taciana Chiquetti, do Centro Universitário do RN (Uni-RN), e pela

Inédito no Rio Grande do Norte, um projeto está utilizando a técnica de Constelação Sistêmica Familiar nas audiências de conciliação da 6ª Vara da Família, no Fórum Miguel Seabra, em Natal. O objetivo é contribuir na solução de



a solução. As partes também aprovaram o método da Constelação, sentiram o Judiciário mais próximo de sua realidade e com uma visão mais humanizada do conflito, funcionando como elemento facilitador das demandas”, resume ela, que também usa, em sua prática como magistrada, técnicas de mediação de conflitos, por meio dos projetos “Metamorfose Gaia” e “Janus”.

## COMO FUNCIONA A CONSTELAÇÃO

As Constelações Sistêmicas Familiares consistem em um trabalho de projeção da imagem interna de um conflito (familiar, organizacional, pessoal) do “constelado”, utilizando pessoas ou bonecos como representantes. A partir dessa dinâmica, situações ocultas e subjacentes vêm à tona, auxiliando a ampliar a visão sobre o problema e favorecendo a capacidade de as partes se colocarem no lugar umas das outras. Criada pelo filósofo e pedagogo alemão Bert Hellinger, a técnica auxilia a harmonizar relacionamentos, reconhecer papéis e solucionar conflitos.

“Durante a condução das audiências, pude perceber nas demandas que, muito mais do que conciliar o direito buscado pelas partes, poderíamos ajudá-las a tentar entender os conflitos gerados naquela relação, a essência de seus problemas, a qual os impediam de chegar a um consenso. Isso me motivou a buscar o apoio de profissionais capacitados para auxiliar nas audiências conciliatórias, depois que li sobre o trabalho do juiz Sami Storch, na comarca de Amargosa-BA”, relata a conciliadora Luciana Pessoa Benz.

A aplicação das Constelações na Justiça brasileira começou, por volta de 2006, na Comarca do município de Amargosa, na Bahia, pelo juiz Sami Storch. Lá, o magistrado conseguiu um índice de acordo de 100% nos processos judiciais em que as partes participaram do método terapêutico. A iniciativa no RN foi inspirada nessa prática. “Com a implantação do projeto aqui na 6ª Vara de Família, pude perceber uma evolução nas tratativas de acordos firmados nas audiências conciliatórias. É visível nas pessoas envolvidas a surpresa ao se depararem com questões, até então, desconhecidas ou relegadas ao segundo plano, e ao serem levadas a ocuparem o seu devido lugar na estrutura familiar e tomarem para si o que de fato lhe é de responsabilidade no problema. O caminho para conciliar fica então pavimentado”, frisa a conciliadora.

O trabalho aposta na premissa de que o ser humano é capaz de acessar seus próprios recursos para transformar sua vida, lidando melhor com suas ambivalências e litígios. A conciliação e a Psicologia acreditam na pacificação das relações, com vistas ao restabelecimento do vínculo, a partir do reconhecimento e da aceitação das histórias vividas e da compreensão dos papéis desempenhados pelos envolvidos em cada contexto. E, a partir dessa concordância, torna-se possível um rearranjo, posterior à crise. Neste sentido, o criador da técnica das Constelações Familiares, Bert Hellinger, resume: “Tudo o que é novo é apenas possível através de uma renúncia”.



Taciana Chiquetti, Carlos Henrique e Luciana Benz conduzem projeto inédito no RN